

# Notas Wittgensteinianas Sobre o Conceito de Milagre

## *Wittgensteinian Notes On The Concept Of Miracle*

*Alison Vander Mandeli  
Universidade Federal de Santa Catarina*

### **Resumo**

Muitos teístas argumentam que a ocorrência de milagres é prova cabal da existência de Deus. Partindo de algumas ideias de Wittgenstein, pretendo mostrar que essa postura teísta é equivocada, dado que a essência do fato milagroso seria o deslumbramento e posterior mudança de vida que ele pode ocasionar no observador e não um fenômeno inexplicável, sendo mais compreensível ao postularmos a existência de um autor divino para ele. O milagre não prova a existência de Deus, mas proporciona uma possibilidade para que o observador aceite uma cosmovisão religiosa. Por outro lado, dizer que um fato não é milagroso, pois explicações científicas ou filosóficas desmistificam-no, também é equivocado. Tentarei mostrar que a aura divina de um evento não precisa necessariamente desaparecer após encontrarmos uma explicação para ele. Por fim, mostrarei que esta compreensão wittgensteiniana dos milagres pode ser considerada compatível com a tradição cristã, contrariando uma primeira impressão que ela nos causa.

## Palavras-chave

Milagre, Filosofia analítica da religião, Teologia filosófica, Wittgenstein

## Abstract

*Many theists argue that the occurrence of miracles is an indisputable proof for the existence of God. Accounting Wittgenstein's ideas, I intend to demonstrate that this theistic position is imprecise, given that the essence of a miraculous fact is wonderment, and the subsequent change of life that it may cause in the observer, instead of an inexplicable phenomenon that turns out to be more comprehensible when we postulate the existence of a divine author for it. The miracle does not prove the existence of God, but enables the viewer to accept a religious worldview. On the other hand, it is also equivocal to say that a fact is not miraculous because scientific and philosophical explanations demystify it. I will try to show that the divine aura of an event does not need to disappear necessarily after we find an explanation for it. Lastly, I will show that such a wittgensteinian understanding of miracles can be considered compatible with the Christian tradition, countering the first impression it causes in us.*

## Keywords

*Miracle, Analytic philosophy of religion, Philosophical Theology, Wittgenstein*

As religiões teístas normalmente afirmam a ocorrência de milagres. O cristianismo, por exemplo, acredita na milagrosa encarnação e ressurreição de Cristo dentre os mortos. Para a teologia cristã, o próprio Deus teria assumido uma natureza humana e nascido de uma virgem. No decorrer de sua vida teria realizado vários milagres, proporcionando-nos salvação através de sua vida, morte, e principalmente ressurreição.<sup>1</sup> Nos livros bíblicos encontram-se em abundância os exemplos desses eventos extraordinários nos quais, aparentemente, a ordem

---

1 - Não parto da pressuposição da verdade e nem da falsidade de tais dogmas. Meu papel será apenas de esclarecimento conceitual.

natural é alterada para que se revele o poder de Deus. Pensemos no diálogo de Moisés com Deus, que se manifestou em uma sarça que ardia em chamas, mas não se consumia (Êxodo, 3); no Mar Vermelho dividindo-se ao meio para passagem do povo escolhido (Êxodo, 14); no Sol que parou no meio do céu, a pedido de Josué (Josué 10, 12-14); em Jesus transformando água em vinho, multiplicando pães ou ressuscitando Lázaro dos mortos... (João 4; Mateus 14, 13-21; João 11). Além desses milagres bíblicos, ainda hoje no contexto cristão é comum ouvirmos que algum fato milagroso ocorreu em favor de alguém, por exemplo, curas de doenças que, ao menos *prima facie*, não se deram por causas naturais.

Mas o que é um milagre? Uma definição tradicional reza que ele é uma violação de alguma lei da natureza, uma perturbação da ordem natural, causada pela volição particular da Divindade (cf. HUME, DM, p.786; HOLLAND, 1967, p.155; MEJIA, 2006, p.7).<sup>2</sup> Partindo dessa interpretação, muitos religiosos afirmam que a ocorrência de milagres é prova cabal da existência de Deus. A suposição de que a natureza não estaria seguindo sua própria ordem pode causar grande admiração e levar à conclusão de que a ordem natural está submissa à algo sobrenatural. A contemplação de um fato aparentemente não explicável de forma natural ou, digamos, não explicável cientificamente, seria uma constatação da existência de Deus. Ora, como aconteceriam todas essas coisas senão através da mão poderosa de uma divindade?

Pretendo mostrar neste texto que, segundo uma interpretação wittgensteiniana, essa postura mostrar-se-ia equivocada, pois a essência do fato milagroso seria o deslumbramento e a posterior mudança de vida que ele pode ocasionar no observador e não um fenômeno inexplicável da natureza, mais compreensível ao postularmos a existência de um autor divino para ele. Esse deslumbramento que o fato considerado milagroso ocasiona no observador não se impõe necessariamente, ou seja, interpretar o fato como milagroso é apenas uma possibilidade, dentre outras interpretações possíveis. O milagre não prova a existência de Deus, mas proporciona uma possibilidade para que o observador aceite uma cosmovisão religiosa. Por outro lado, dizer que um fato não é milagroso, pois explicações científicas ou filosóficas desmistificam-no, também é equivocado. A aura divina de um evento não desaparece ao encontrarmos uma explicação científica para ele, pois a maneira científica de olhar um fato não é olhá-lo com um milagre (cf. WITTGENSTEIN, CSE, p.223). Organizarei o restante do texto da seguinte forma: início com uma breve apresentação do argumento teísta baseado nos milagres. Depois disso, a partir de algumas ideias de Wittgenstein,

---

2 - Para citação dos textos de Wittgenstein utilizarei as seguintes abreviações: CSE para *Conferência sobre ética*; CV para *Cultura e valor*; LC para *Lições e conversas sobre estética, psicologia e crença religiosa*; MP para *Movimentos de pensamento*; ORD para *Observações sobre o ramo dourado de Frazer*; TLP para *Tractatus Logico-philosophicus*. Além disso utilizarei: DM para o ensaio *Dos Milagres* de David Hume e LV para o *Leviatã* de Thomas Hobbes.

evidenciarei a confusão da postura teísta que pensa o milagre como prova da existência de Deus. Em seguida, mostrarei que também é equivocada uma refutação racionalista ou cientificista do milagre. Concluirei mostrando que a opinião de Wittgenstein pode ser considerada compatível com a tradição cristã, contrariando uma primeira impressão que ela nos causa. A palavra “notas” contida no título do ensaio diz respeito ao fato de que não discutirei o tema de forma exaustiva e nem apresentarei objeções à interpretação wittgensteiniana. Mas, mesmo nesta postura menos polêmica, considero que a reflexão proporcionada pelos textos de Wittgenstein aponta para um deslocamento interessante do debate tradicional, merecendo, devido a isso, ser levada em conta.

Pois bem, os que pretendem argumentar em favor da existência de Deus via ocorrência de milagres parecem fazer da seguinte forma:

1. Milagres ocorrem.
  2. Milagres não podem ser explicados pela ciência.
  3. A ação de Deus é a explicação mais plausível para o milagre.
- ⇒ Deus Existe.

Se entendermos o conceito de milagre da forma como expomos acima, onde a ação e a vontade de Deus estão contidas no definiendum, o argumento não passaria de uma petição de princípio. Ora, se o fato milagroso é uma ação de Deus, ao pressupor (na premissa 1) a ocorrência de milagres, pressupõe-se a existência de Deus. Mas o argumento não precisa ser pensado dessa maneira. Um modo interessante de abordarmos o assunto é pensarmos na não-explicabilidade do fato que, justamente por isto, geraria nos observadores uma espécie de admiração ou assombro levando-os a concluir que a causa do fato é sobrenatural, ou seja, seria o próprio Deus a agir no mundo.<sup>3</sup> Podemos esclarecer isto melhor pensando na singularidade do fato milagroso. Em contraste com os fatos ordinários, uma das características do milagre seria sua total falta de recorrência. Os milagres (quase todos, ao menos) ocorrem somente uma vez (cf. MEJIA, 2006, p.8). Segundo a interpretação que estamos considerando neste momento, a cotidianidade de um evento cancelaria sua interpretação como um milagre, pois não teríamos motivos para assombro diante de algo cotidiano e explicável.

Passemos a algumas considerações de Wittgenstein sobre o assunto, para que alguns problemas com essa compreensão do milagre como um fato inexplicável comecem a surgir.

---

3 - Thomas Hobbes, parece-me, compreende os milagres desta forma. (cf. HOBBS, LV, Cap.37).

Podemos iniciar constatando que é sempre possível questionar o fato considerado milagroso. Wittgenstein toma como exemplo as curas ocorridas em Lourdes, na França<sup>4</sup>, local onde o catolicismo romano reconhece como sagrado, devido à (suposta?) manifestação da Virgem Maria para Bernadete Soubirous em uma gruta da cidade, no ano de 1858<sup>5</sup>. Wittgenstein diz o seguinte:

*Suponhamos que eu fosse para algum lugar como Lourdes, na França, acompanhado de uma pessoa muito crédula. Lá vemos sangue a manar de algo. A pessoa diz: “Aí tem Wittgenstein, como pode duvidar agora?” Eu perguntaria: “Pode isso ser explicado de uma só e única maneira? Não pode ser isso ou aquilo?” (WITTGENSTEIN, LC, p.138).*

A cena que Wittgenstein constrói é sugestiva. Dois observadores olham para um evento aparentemente extraordinário. Um dos observadores aponta para o fato e diz “aí está o milagre” expressando a convicção de que qualquer observador deveria concluir imediatamente a ocorrência de um fato milagroso. A resposta de Wittgenstein leva-nos a pensar que o fato não nos impõe uma explicação única. Poderíamos interpretar a liquefação do sangue de São Januário ou a aparição da Virgem Maria, por exemplo, de diversas formas. O fenômeno em si mesmo não nos obriga a considerá-lo miraculoso. Alguém poderia dizer que são apenas coincidências; ou que o visionário estava embriagado, tendo assim distorções em sua percepção; ou o fato pode ter sido gerado propositalmente por alguma ilusão de ótica, sendo por isso fraudulento; talvez o fenômeno tenha sido produzido pela sugestão do crente, como sugere a parapsicologia; ou ainda, é apenas um fenômeno natural, que a ciência ainda não consegue explicar, revelando as limitações das teorias em curso (cf. MEJIA, 2006, p.8). Este último ponto, que relaciona o milagre com eventos estranhos às nossas teorias científicas, é esclarecedor e por isso merece mais comentários.

A ocorrência de eventos que parecem não coincidir, ou que realmente não coincidem com as leis do paradigma científico atual na grandíssima maioria dos casos não é tratada

---

4 - Existe uma lista dessas possíveis curas reconhecida pela igreja católica no site oficial francês: <http://fr.lourdes-france.org/>  
5 - Na verdade, Wittgenstein parece confundir duas situações consideradas milagrosas pelo catolicismo romano: as curas ocorridas em Lourdes e a liquefação do sangue de São Januário. Em Lourdes, não tem “sangue a manar de algo” como Wittgenstein diz, mas sim uma pequena gruta onde alegadamente a Virgem Maria teria aparecido a Bernadete Soubirous em 1858. Um acontecimento não tem ligação histórica com o outro, mas isto não influencia o decorrer do argumento. Qualquer uma das situações, como veremos, cumprem a função proposta por Wittgenstein.

pelos cientistas como a ocorrência de um milagre. Normalmente tratam essas discrepâncias citando técnicas experimentais deficientes, instrumentos não calibrados, etc. Se o evento anômalo persistir, ele será tratado como um desafio às teorias atuais e os cientistas buscarão desenvolver novas teorias para explicá-lo. Para que seja uma genuína violação das leis da natureza, o fenômeno tem que ser profundamente refratário a uma explicação científica agora e sempre, e não temos ideia de como reconhecer algo assim (cf. TILGHMAN, 1996, p.132). Veja o que Wittgenstein diria diante de tal evento: “Não se deveria, afinal de contas, considerar isto [um milagre]? (...) Eu trataria o fenômeno, neste caso, da mesma maneira que trataria um experimento de laboratório que considerasse mal executado” (WITTGENSTEIN, LC, p.138).

O objetivo dessas considerações é mostrar que não é claro o que significa pensar o milagre como uma violação das leis da natureza, sendo por isso não explicável naturalmente. A inexplicabilidade de um fenômeno não precisa nos levar a admiração ou assombro e uma posterior postulação de um autor divino para ele, como os defensores do argumento acima pressupunham. Podemos, por exemplo, adotar uma postura do tipo (que Wittgenstein chama de curiosa), “isto ainda não sabemos; mas sabê-lo é possível, é somente uma questão de tempo para que saibamos!” (WITTGENSTEIN, CV, p.65). Talvez seja pensando dessa forma “curiosa” que Hobbes chega à conclusão de que algo pode ser um milagre para uma pessoa, mas não para outra, desde que o milagre pareceria relativo ao conhecimento do observador: “os eclipses do sol e da lua foram entendidos pelo povo como eventos sobrenaturais, enquanto outros, conhecendo as causas naturais, puderam prever a hora exata em que aconteceriam” (HOBBS, LV, cap. 37).<sup>6</sup>

Temos, portanto, dois caminhos argumentativos contrários à compreensão de milagre como um evento inexplicável:

- i) Um fato pode ser interpretado de várias maneiras, não só religiosamente ou cientificamente;
- ii) É impossível saber que um fato nunca poderá ser explicado cientificamente.

Não sendo a interpretação milagrosa a única possível e na medida em que podemos

---

6 - Wittgenstein concordaria que um fato pode ser interpretado como um milagre por um observador e não por outro, no entanto não concordaria que isto está necessariamente ligado a considerações epistêmicas. Isso ficará claro no decorrer do artigo.

assumir uma postura que a priori elimina a não explicabilidade dos eventos, concluímos que não existem milagres verdadeiros? Analisemos mais alguns comentários de Wittgenstein em relação ao tema.

Na Conferência Sobre Ética encontramos a seguinte passagem:

*Todos sabemos o que na vida cotidiana poderia denominar-se um milagre. Obviamente é, simplesmente, um acontecimento de tal natureza que nunca tínhamos visto nada parecido com ele. Suponham que este acontecimento ocorreu. Pensem no caso de que em algum de vocês cresça uma cabeça de leão e comece a rugir. Certamente isto seria uma das coisas mais extraordinárias que sou capaz de imaginar. (WITTGENSTEIN, CSE, p.223 – grifo nosso).*

Aqui, Wittgenstein relaciona o milagre com fenômenos extraordinários, nunca antes vistos. Pois bem, diante de tal fenômeno como reagiríamos? Esta pergunta é fundamental para entender o ponto de Wittgenstein e a nova compreensão do milagre que emergirá. Não interessa muito o evento em si mesmo tanto quanto a reação dos observadores. Na definição de milagre que discutíamos acima, o fato estava no centro da atenção. Aqui, percebe-se que a reação do observador é que é mais importante. Na sequência da conferência, Wittgenstein diz que ao nos recompormos da surpresa que a bizarra cabeça de leão ocasionaria, poderíamos buscar um médico, investigar cientificamente o caso e, se não causasse sofrimento, poderíamos seccioná-la. Se reagirmos assim frente ao evento extraordinário resta algo de milagroso? Obviamente não, pois “o modo científico de ver o mundo não é o modo de vê-lo como um milagre” (WITTGENSTEIN, CSE, p.223). Podemos perguntar: como Wittgenstein estaria pensando essa forma científica de ver o mundo? Como já citamos acima, ele está pensando da seguinte forma: “Os cientistas têm uma atitude curiosa: ‘ainda não sabemos isso; mas é possível sabê-lo; é apenas uma questão de tempo até que o saibamos!’” (WITTGENSTEIN, CV, p.65). Ao olhar um fato, os cientistas, grosso modo, buscam agrupá-lo junto com outros fatos em um sistema explicativo científico. Deste ponto de vista, não importa o que aconteça, por mais maravilhoso e extraordinário que seja, não será um milagre:

*Está claro que, no momento em que olhamos as coisas assim, todo o milagroso*

*haveria desaparecido; a menos que entendamos por este termo simplesmente um fato que ainda não tenha sido explicado pela ciência, coisa que significa, por sua vez, que não temos conseguido agrupar este fato junto com outros num sistema científico.* (WITTGENSTEIN, CSE, p. 223)

Ainda na Conferência Sobre Ética podemos entender dois sentidos para o milagre, um relativo e um absoluto: “você podem imaginar o fato que puderem e isto não será em si milagroso no sentido absoluto do termo. Agora nos damos conta de que temos utilizado a palavra “milagre” tanto num sentido absoluto como num relativo” (WITTGENSTEIN, CSE, p.223). O sentido relativo tem a ver com eventos não explicáveis e extraordinários. O sentido absoluto nada tem a ver com fatos extraordinários, mas com a significação que damos aos ordinários (cf. BARRET, 1994, p.222). Não importa então o acontecimento em si mesmo, mas como o vemos. O milagroso está na forma como o fato nos impressiona. O milagroso precisa se manifestar através de fatos, mas a factualidade não é a sua essência. A pessoa que observa o milagre (ou ouve o relato de algum) deve ser impressionada de uma forma que a faça viver religiosamente, ou seja, que a faça, a partir da contemplação do evento, adotar novas regras para condução da vida: “A única possibilidade de eu acreditar num milagre neste sentido consistiria em ser impressionado por uma ocorrência deste tipo particular” (WITTGENSTEIN, CV, p.72).

Um esclarecimento se faz necessário. Quando definimos o milagre como uma violação das leis naturais, como um fenômeno inexplicável, nós também levamos em conta a reação do observador. Qual seria então, mais claramente, a diferença dessa nova interpretação do milagre que estamos considerando? O essencial é que um milagre no sentido absoluto, para Wittgenstein, nada tem a ver com a falta de explicação de um evento, seja uma falta de explicação necessária (que como vimos não parece possível) seja relativa a algum estado primitivo do nosso conhecimento ou experiência. Ao contrário, primitivo é aquele que “acredita que a explicação científica pode eliminar o estupor” (WITTGENSTEIN, CV, p.18-19), submetendo-se desta forma ao que ele define como a “tola superstição de nosso tempo”: “como poderia o fogo ou a semelhança do fogo com o sol deixar de impressionar o espírito humano? Não porque não tenha condições de explicá-lo (...) talvez as coisas se tornem menos impressionantes após a sua explicação” (WITTGENSTEIN, ORD, p.198; cf. PERISSINOTO, 2011, p.22-23).

O milagroso, de tal modo, não tem relação direta com o misterioso, enigmático ou

inexplicável. O fato, por exemplo, de Jesus gritar “vem para fora” na frente da sepultura de Lázaro, seguido da surpreendente saída de Lázaro do túmulo, não é um milagre no sentido absoluto da mesma forma que o acordar de um paciente que estava em coma por vinte anos também não o é. É o modo como interpretamos os fatos e a forma que conduzimos nossas vidas depois deles que os faz milagrosos: “os milagres da natureza (...). (O desabrochar da flor. Que tem ele de maravilhoso?) Dizemos: apenas olhá-la desabrochar!” (WITTGENSTEIN, CV, p.87-88).<sup>7</sup> O fato em si mesmo não tem nada de milagroso, mas o maravilhoso se manifesta na forma em que o observador olha para o fato. Um exemplo radical é dado por Wittgenstein e a partir dele poderemos compreender isso melhor. Mesmo depois de descobrir que o fato considerado milagroso é uma fraude feita por sacerdotes, a pessoa religiosa poderia se manifestar assim:

*“É possível que esses padres trapaceiem, mas não obstante, em um sentido diverso, ocorre ali um milagre.” Tenho uma estátua que sangra certos dias do ano. Tenho tinta vermelha... “Você é um trapaceiro, mas, não obstante, a Deidade o usa. Tinta vermelha em um sentido, mas não tinta vermelha em outro sentido”.* (WITTGENSTEIN, LC, p.138)

Isso em um primeiro momento pode soar chocante, pois parece que Wittgenstein está assentindo abertamente a uma fraude. Por outro lado, o núcleo da natureza dos milagres pode estar sendo tocado. Vamos pensar em um exemplo concreto. Consideremos um vilarejo no qual vive um sacerdote que supostamente possui os estigmas de Cristo nas mãos. Um dos habitantes do local, um homem ímpio e imoral, transforma sua conduta ao observar os estigmas do sacerdote. E ainda mais, na sua nova vida sua existência fica plena de sentido e seu cotidiano é viver de forma moral e religiosa em humildade e serviço aos semelhantes. Vamos supor agora que os estigmas do sacerdote eram apenas um truque com molho de tomate. Esse novo religioso pode desiludir-se, revoltar-se com a trapaça e voltar para sua antiga vida imoral ainda pior do que antes; pois se pensarmos o milagre como um fato extraordinário, como violações de leis da natureza, devíamos concordar que não havia nada de milagroso nos estigmas desse sacerdote. Mas essa precisa ser a reação do fiel? Ele não estaria no direito de dizer que Deus utilizou desse sacerdote desonesto para fazer com

---

7 - O caso do desabrochar da flor merece um esclarecimento: é certo que a contemplação de um fenômeno natural deste tipo pode gerar algum tipo de fruição estética e não ocasionar mudança de vida no observador. O milagre, como venho argumentando, é algo que deve gerar uma mudança de vida ou, no mínimo, um *peso na consciência* se a nova vida não for aceita. Esta citação de Wittgenstein nos é útil para ilustrar que o milagre está em *como* o observador olha o fato, e não no fato em si mesmo.

que sua vida mudasse e louvar ainda mais a Deus por utilizar até situações aparentemente cotidianas (mãos sujas com molho de tomate) para salvar aqueles que ama? O evento continua sendo um milagre. A aura sagrada não desaparece.

Algumas pessoas poderiam chamar de irracional o religioso do exemplo mencionado, pois insiste em classificar como extraordinário aquilo que é ordinário; nada de mais ocorreu ali, nenhuma lei natural foi violada. Mas veja que para isso a essência do milagroso deve ser o fato em si mesmo, e como vimos, o fato é apenas relativamente milagroso, ou seja, possui somente a possibilidade da interpretação religiosa. Como insistimos, o milagroso pensado no sentido absoluto ocorre quando o sujeito é impressionado de tal forma por um evento ou pelo relato deste evento a ponto de suas ações posteriores tornarem-se influenciadas por essa experiência. Se a reação não for uma mudança de vida após o evento (ou no mínimo algo que poderíamos chamar de peso na consciência por uma mudança não ocorrida) todo o milagre desaparece, como Wittgenstein nos disse na CSE. Não ter explicação científica não deve ser a essência do milagroso, pois pode ser que isso seja falso ou provisório. Falso porque o experimento pode ter sido mal realizado e uma tentativa bem sucedida pode levar a explicação requerida. Provisório porque pode ser o caso que nossas teorias ainda não explicam o evento, mas não existe absolutamente nada que impeça uma possível explicação científica no futuro. A essência do milagre é a maneira como ele me impressiona. Sua característica não é o fato em si mesmo, mas a interpretação que se lhe outorga.

Ao comentar sobre o milagre das Bodas de Caná, no qual Jesus teria transformado água em vinho (cf. BÍBLIA, João 4, 1-12), Wittgenstein esclarece que essa transformação é altamente admirável e se testemunhássemos alguém fazendo tal coisa certamente ficaríamos maravilhados, mas nada além disso. Segundo Wittgenstein isso não pode, portanto, ser o magnífico. Nem é o magnífico a forma tão espantosa com que Jesus consegue o vinho para as pessoas naquele casamento. É o miraculoso que empresta a essa cena todo o seu significado e conteúdo “e com isso não estou falando do extraordinário ou do que jamais teve lugar, mas do espírito com o qual é feito e para o qual a transformação da água em vinho é apenas um símbolo, (como que) um gesto” (cf. WITTGENSTEIN, MP, p. 68-69). Dessa forma, um milagre tem que ser compreendido como um gesto, para que nos diga algo, e um gesto dirigido a nós (cf. Idem, Ibidem). Mas que tipo de gesto?

*Um milagre é, por assim dizer, um gesto feito por Deus. Tal como um homem tranquilamente sentado faz um gesto impressivo, Deus deixa o mundo seguir suavemente o seu curso e, em seguida, acompanha as palavras de um santo com*

*uma ocorrência simbólica, um gesto da natureza. Um exemplo seria, ao falar um santo, as árvores à sua volta curvarem-se numa vênia. (...) E posso imaginar que o simples relato das palavras e da vida de um santo consiga levar alguém a acreditar nas informações relativas à vênia das árvores (WITTGENSTEIN, CV, p.77-78).*

O milagre deve ser entendido como um fato onde a mão de Deus está presente e não como um mero fato inexplicável. Mas dizer que a divindade agiu em meu favor não é postular sua existência de antemão? Mais especificamente, entender o milagre como um gesto feito por Deus, não gera o problema de petição de princípio que comentamos acima? Não, pois Wittgenstein não faz disso a premissa de um argumento. Não precisamos compreender essa ênfase na ação de Deus como um comprometimento com algum tipo de metafísica dogmática. Podemos pensar essas ideias de Wittgenstein como uma rejeição às tentativas de fundamentação racional de questões relativas a valores: “é por isso que ele rejeita a afirmação racionalista de que Deus quer o bom “porque é bom.” Na realidade, bom é “aquilo que Deus comanda”. A primeira opção ainda requer uma explicação e é isso que Wittgenstein está negando que seja possível fornecer” (DALL’AGNOL, 2011, p.15).

Tais considerações serão mal compreendidas se pensarmos que Wittgenstein estaria aqui, contra a ciência, dizendo que existe algo que seja impossível explicar, voltando assim a compreender o milagre no sentido relativo. No aforismo 6.5 do *Tractatus Logico-Philosophicus* (TLP), Wittgenstein deixa claro que é impossível existir um enigma (Rätsel): “se uma pergunta pode ser feita então é possível respondê-la”. O ponto é que não faz sentido perguntar pela verdade ou falsidade de um milagre, pois o que está em jogo não é um fato e sim uma experiência e “é por isso que Wittgenstein recusa explicações: “uma teoria nada me dá”. Em outras palavras, o bom [o milagre] está fora do espaço factual e, portanto, fora do domínio científico” (DALL’AGNOL, Idem, *Ibidem*).

Ver o evento como um gesto feito por Deus é uma possibilidade que se manifesta na forma como o evento impressiona as pessoas e na posterior adoção de novas regras para conduzir a vida. Nem todos veem o evento dessa forma, mas muitos podem vê-lo assim. Muitos estão cegos para o aspecto religioso do evento e não podem ser atingidos; não dão significação religiosa ao fato; mas muitos outros podem ver tal fato como a mão de Deus a operar. O fiel religioso enxerga o mundo e reage a ele de forma diferente do não religioso. Não obstante, o milagre não é uma prova da legitimidade da religião, mas o reconhecimento

de um milagre já faz parte de uma visão religiosa do mundo. O milagre não prova a existência de Deus, mas é uma possibilidade que se atualiza quando um observador aceita, a partir dele, uma nova forma de vida.

Podemos perceber também que o tipo de interpretação do milagre que Wittgenstein sugere (onde ele não é visto como um evento estranho que seria melhor explicado pela postulação de um autor sobrenatural) pode ser considerada compatível com a tradição cristã. Um evento pode possuir significação religiosa e ser aclamado como milagroso sem que faça com que qualquer um que o contemple conclua necessariamente a existência de Deus. No evangelho de João, por exemplo, depois da narração da ressurreição de Lázaro, realizada por Jesus, encontramos a seguinte passagem:<sup>8</sup>

*Muitos judeus que tinham ido visitar Maria e viram o que ele fez, creram nele. Mas alguns foram contar aos fariseus o que Jesus havia feito. Os sumos sacerdotes e os fariseus reuniram então o Conselho e disseram: “o que faremos? Este homem está realizando muitos milagres. Se o deixarmos assim, todos crerão nele. Virão os romanos e destruirão o santuário e a nação”. (BÍBLIA, João 11, 45-49)*

Muitos judeus estavam visitando a casa de Maria, irmã de Lázaro, para confortá-la da morte do irmão. Depois que Jesus ressuscita Lázaro diante de todas aquelas testemunhas, alguns judeus dão significação religiosa ao fato, “creram nele”, e alguns não dão significação religiosa ao fato, “foram contar aos fariseus o que Jesus tinha feito”, pois pensavam que tais ações poderiam desencadear algum tipo de conflito político com os romanos. Também na passagem bíblica comentada por Wittgenstein, na qual a água transformou-se em vinho, muitos foram os observadores, mas só os discípulos sabemos que “creram nele”. Muitas pessoas viram a água tornar-se vinho, mas só os discípulos acreditaram. Nos dois casos um único evento e interpretações distintas, mostrando que o milagre não precisa ser pensado como um fato inexplicável que prova a existência de Deus, mas sim um evento que pode possibilitar a aceitação ou manutenção de regras religiosas para condução da vida.

Concluindo, poderíamos dizer que a religião não pode provar a ocorrência de um

---

8 - Novamente a ressalva de que não parto da verdade ou falsidade dos relatos (e nem discuto se eles devem ser lidos como portadores ou não de valor de verdade). O intuito deste trecho é somente mostrar que a interpretação wittgensteiniana pode ser compatibilizada com a tradição cristã.

milagre, pois ela não tem condições de dizer que existem coisas que a ciência não pode explicar ou que algum fenômeno deve ser interpretado de maneira unitária. Ela pode, não obstante, mostrar (a *posteriori*) que milagres ocorrem a partir da mudança de vida dos observadores. Por outro lado, como diz Wittgenstein “é absurdo dizer que ‘a ciência provou que não há milagres.’ A verdade é que o modo científico de ver um fato não é vê-lo como um milagre” (WITTGENSTEIN, CSE, p.223).

## Referências Bibliográficas

- BARRET, C. 1994, *Ética e creencia religiosa em Wittgenstein*. Madrid. Alianza Editorial.
- BÍBLIA SAGRADA. Bíblia do Peregrino, Edição de estudo. Comentários por Luís Alonso Schökel. São Paulo: Paulus.
- DALLAGNOL, D. 2011, ‘Sobre aquilo de que não se pode dizer, deve-se falar’. In.: DALLAGNOL, D. *Seguir Regras: Uma introdução às Investigações Filosóficas de Wittgenstein*. Pelotas: Dissertatio, 2011.
- HOBBS, T. (LV) *Leviatã*. In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1988.
- HOLLAND, R.F. 1967, ‘The Miraculous’. In.: PHILLIPS, D.Z. (edit). *Religion and Understanding*. New York: Macmillan Company, 1967, p.155-170.
- HUME, D. (DM) *Dos Milagres*. In.: TALIAFERRO, C.; GRIFFITHS, P. J. *Filosofia das religiões: uma antologia*. Instituto Piaget: Lisboa, 2003. p. 783-794.
- MEJIA, S.. 2006, ‘Wittgenstein y la creencia religiosa’. *Ideas y Valores*. Bogotá, Colômbia, nº 132, pp. 03-29.
- PERISSINOTO, L. 2011, ‘Wittgenstein e a Religião: Crença religiosa e Milagres entre fé e superstição’. In: Instituto Humanitas Unisinos. *Cadernos de Teologia Pública*. Ano VIII – Nº 62 – pp.05-28.
- PHILLIPS, D.Z. (edit). 1967, *Religion and Understanding*. New York: Macmillan Company.
- TALIAFERRO, C; GRIFFITHS, P. J. 2003, *Filosofia das religiões: uma antologia*. Instituto Piaget: Lisboa.
- TILGHMAN, B. R. 1996, *Introdução à filosofia da religião*. São Paulo. Edições Loyola.

WITTGENSTEIN, L. (CSE) Conferência sobre ética. In: DALL'AGNOL, D. *Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. Florianópolis: Editora da UFSC/ Editora Unisinos, 2005.

\_\_\_\_\_. (CV) *Cultura e valor*. Tradução de Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. (LC) *Lecciones y conversaciones sobre estética, psicología e creencia religiosa*. Traducción y introducción de Isidoro Reguera. Barcelona: Ediciones Paidós, 1992.

\_\_\_\_\_. (MP) *Movimentos de pensamento: Diários de 1930-32/1936-37*. Tradução de Edgar da Costa Marques. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. (ORD) *Observações sobre o ramo dourado de Frazer*. Tradução e notas comentadas João José Almeida. In: *Suplemento à Revista Digital AdVerbum 2 (2): Jul a Dez 2007*: pp. 186-231

\_\_\_\_\_. *The collected works of Wittgenstein*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

\_\_\_\_\_. (TLP) *Tractatus Logico-philosophicus*. London: Routledge and Kegan Paul, 1961.